

FANTASMAS

1. Ao atravessar as serras entre Arouca e S. Pedro do Sul mergulha-se num mar de eucaliptos. Há momentos em que as suas cores ocupam todo o campo de visão. Aqui e ali, o verde esbranquiçado das novas plantações ou dos eucaliptos que rebentam de toíça depois de um fogo. A acreditar no que me disseram, em muitas áreas já não é economicamente viável cortar estas árvores para fazer pasta de papel. São deixadas ali, ao abandono, à espera do fogo, endêmico no seu habitat de origem, que as fará regressar mais fortes e dominantes, uma e outra vez. Não são bem floresta, mas uma outra coisa. Apesar da ilusão do verde contínuo, tentar atravessar a pé estas manchas imensas, amiúde plantadas em terrenos de declive acidentado, é tarefa quase impossível. Tornam-se tão densas e inóspitas que por vezes se mostram impenetráveis. Os solos, já de si pobres, parecem esvaír-se lentamente encosta abaixo. A água foi engolida e o ar é seco e tem um travo acre. Entre os eucaliptos nem um som, nem uma presença. Para encontrar vozes é preciso procurar outros lugares.



2. Ainda a caminho, de carro. As estradas são sinuosas e, se pararmos no meio do nada, abrimos a porta e o ar quente bate-nos no corpo como uma massa pesada. Ouve-se o vento e os insectos. Ao longe, aqui e ali, outros sons, indistintos. Podem fazer-se dezenas de quilómetros sem nos cruzarmos com mais do que um ou dois carros. A pé, pode-se andar o dia todo pelos montes sem ver ninguém. Se fugirmos do circo dos passadiços e das pontes, a maioria dos trilhos, sobretudo à semana, está vazio. Não há ninguém. Muitas aldeias estão também vazias, ou quase. À hora do calor parecem todas desabitadas. De manhã cedo e ao fim da tarde os caminhos animam-se, às vezes com o gado que volta sozinho ou tocado, muito lentamente, por um pastor, a pé ou sentado na sua carrinha, conduzida em baixa rotação. De resto, os únicos sinais de vida são as motosserras que se ouvem à distância, um sino que toca ou o ruído ocasional de um motor em esforço nos caminhos estreitos.



6. As serras aqui estão cheias de minas abandonadas. Mais a norte o carvão do filão que vai de S. Pedro da Cova ao Pejão. Por todo o lado, as minas desse ouro negro que ajudou a alimentar a máquina de guerra,



a encher os cofres do Estado Novo e a fazer fortunas fáceis. Ao caminhar pelas ruínas das minas de Volfrâmio de Regoufe, percebemos como eram arcaicas estas explorações. O trabalho, feito por gente de fora ou à jorna, deve ter sido brutal. Conseguimos imaginar que tudo, ou quase tudo, deve ter sido feito com base na exploração dos corpos, que arrancavam lentamente o minério das entranchas da montanha. Encontrei por terra a grade que protegia a entrada da galeria principal da mina, aberta directamente na rocha. No seu interior, só consigo caminhar curvado e com a ajuda da luz do meu telemóvel. Ao fim de algumas dezenas de metros sinto-me preso e, receoso, volto para trás. Nem um sinal de meios mecânicos. Tudo parece ter sido escavado à mão.

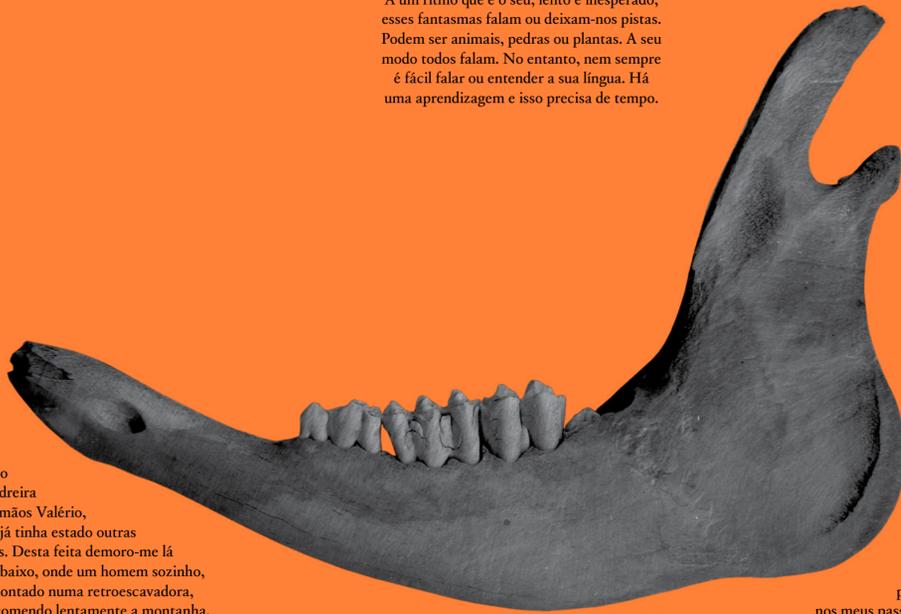


3. Ao caminharmos sem companhia pelos trilhos, que levam por vezes nomes misteriosos, lembrando velhos usos e histórias, acabámos a falar sozinhos ou a ouvir vozes. Ninguém me convence que as montanhas não são habitadas por fantasmas. A um ritmo que é o seu, lento e inesperado, esses fantasmas falam ou deixam-nos pistas. Podem ser animais, pedras ou plantas. A seu modo todos falam. No entanto, nem sempre é fácil falar ou entender a sua língua. Há uma aprendizagem e isso precisa de tempo.



4. Para quem conhece bem as montanhas do interior, os sons mudaram. A paisagem também. Quase todos os pontos altos e acessíveis estão hoje tomados pelas torres alvas das eólicas. Se subirmos a um sítio alto é difícil não as ter sempre no horizonte. Mesmo à noite, com os seus pontos vermelhos e luminosos no meio do escuro. O seu som é sincopado e ouve-se a quilómetros de distância. A certas horas do dia, as sombras das hélices confundem-nos, com o seu movimento rápido e repetitivo. Vejo as águias no seu voo lento, lá no alto, e tento imaginar o que muda para elas. Sabemos há muito que já não há terra pura ou intocada, mas este é todo um novo empreendimento de transformação da paisagem que conhecíamos antes. Só descendo aos vales mais profundos e densos as perdemos momentaneamente de vista. Talvez as deixemos mesmo de ouvir. Mas os espíritos que habitam os vales são outros. Mais silenciosos e mais obscuros. Para os outros, mais generosos, teremos de subir um pouco.

7. Volto à pedreira dos irmãos Valério, onde já tinha estado outras vezes. Desta feita demoro-me lá em baixo, onde um homem sozinho, montado numa retroscavadora, vai comendo lentamente a montanha. É um processo moroso. Nem um décimo daquela pedra se aproveita. O resto é depositado nas escombrelas, mais à frente na montanha. Lá em cima, junto aos escritórios onde se senta a D. Salomé, a pedra vai sendo separada em finas lâminas e cortada em formas variadas. O sistema é ainda arcaico e o trabalho duro. Às vezes, no meio das toneladas de pedra, aparece um fóssil, recordando-nos que é toda a história da Terra que nos fala através daquelas pedras. Esse tempo das pedras não é o nosso, como não são nossas aquelas pedras. Quando muito são sinais, mensagens deixadas para o futuro. Imagens por vir.



5. Os fantasmas são evasivos por natureza. Os seus sinais são quase sempre incorpóreos. Um murmúrio, uma sombra, uma pequena marca. Mais raramente, deixamos coisas ou oferecemos provas da sua existência. Pode ser uma pedra que nos lembra um rosto, um pássaro de grito humano ou uma árvore de configuração peculiar. Desta vez, nos meus passeios encontrei ossos no caminho. De repente, meio enterrada, uma mandíbula. Mais à frente, no dia seguinte, um crânio de cabra, reluzindo no meio das pedras. Assim, sozinho no meio dos montes, são encontros estranhos, são sinais de uma presença.

8. Dou comigo a pensar no avô da Anna, que ainda foi a cavalo para a guerra. Se recuarmos até esses tempos, em plena Segunda Guerra, damos connosco a imaginar a gigantesca máquina técnica que foi necessário montar e depois alimentar durante aqueles anos. No entanto, essa cadeia brutalista começava em lugares inóspitos como Regoufe, onde era extraído o minério que ajudava os ingleses a fazer a guerra. Não muito longe, em Rio de Frades, no jogo de espelhos em que a serra se tinha tornado, eram os alemães que exploravam o mesmo volfrâmio, arrancado da montanha à força de braços. Nesses anos de escassez veio gente dos quatro cantos do país em busca de trabalho nas minas. É difícil imaginar um sistema mais arcaico. Talvez assim se compreenda melhor a verdadeira natureza dessa cadeia infernal, que tudo transforma e tritura. Talvez assim se compreenda melhor que a natureza da técnica é sempre a de uma violência que se exerce sobre os corpos e sobre o mundo.



9. É fácil chegar da cidade e sentirmos o apelo deste silêncio e desses fantasmas que só gostam da solidão. Apodera-se de nós uma melancolia que só estes lugares nos podem trazer. Trouxe comigo vários livros, mas li muito pouco. Quedei-me apenas com dois deles. A elegia do Richard Sennet à manualidade e ao prazer de fazermos as coisas com as nossas próprias mãos e os diários de viagem de Walter Benjamin. Talvez isso também explique a melancolia. Entretanto, sempre que eu voltava à Macieira, a triangulação do telemóvel dizia-me que eu estava no Pindelo dos Milagres.

PEDRAS FIGURAS



PEDRAS



FIGURAS

























































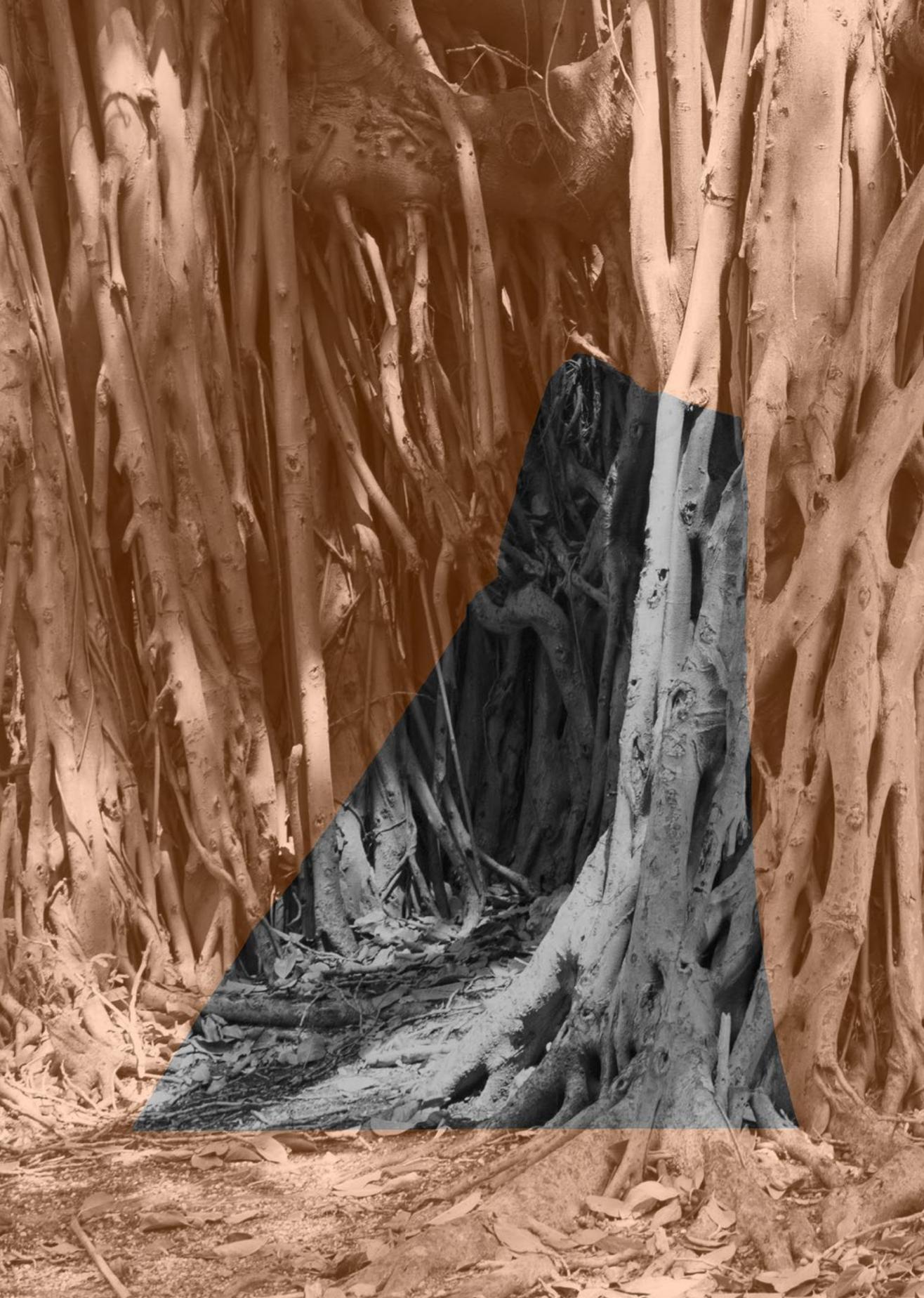


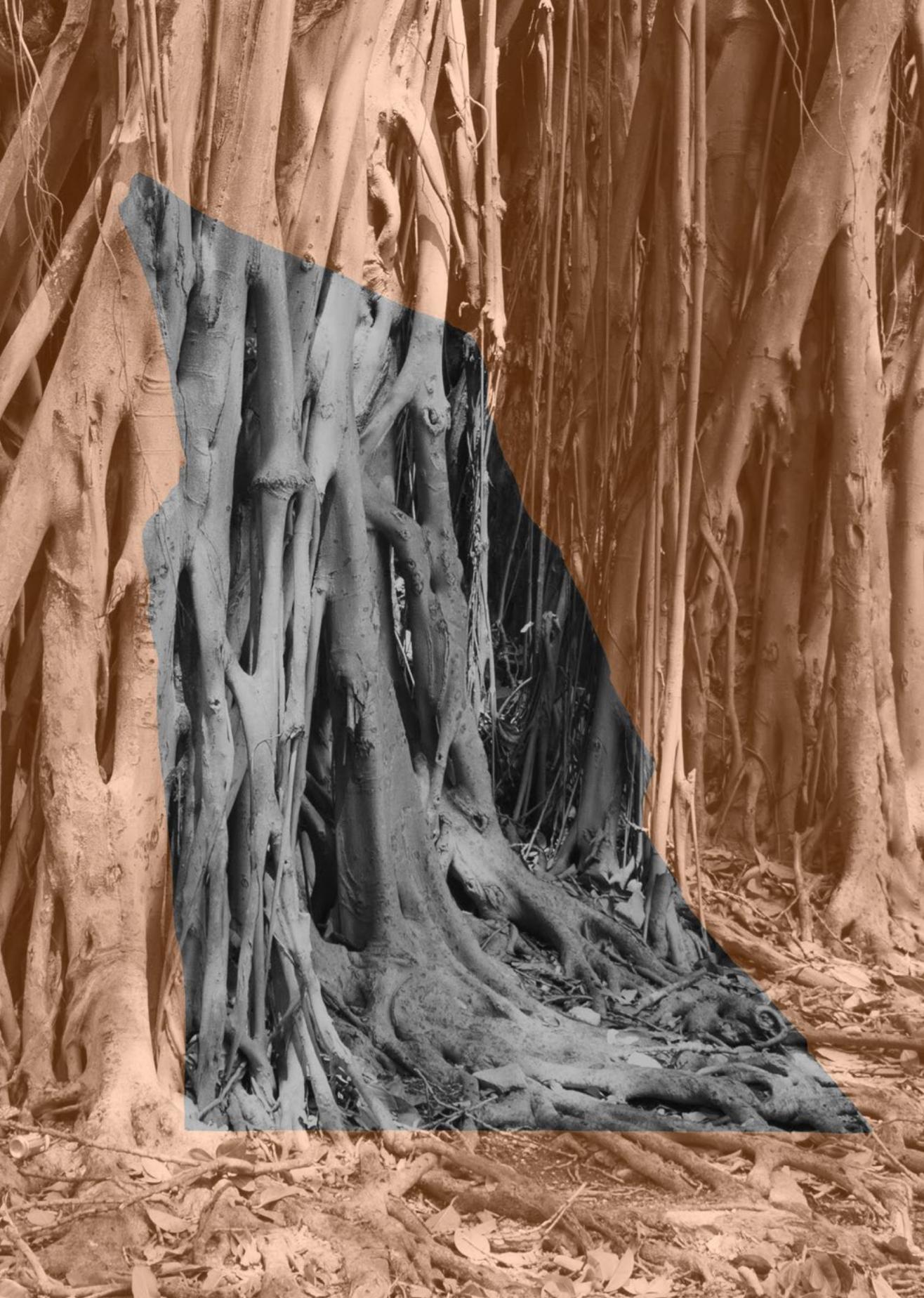
































2022



MIGUEL
LEAL

PEDRAS CONTRA NATURA

NUNO FARIA

Incessantemente o imaginário ou o sonho metamorfoseiam-se em neguentropia de ouro, de diamante, de mármore, de bronze e convertem-se em palácio, mausoléu, torre. Alguns delírios sobrevêm no deserto do Egípto, uma vez que um formidável poder energético os transformou em pirâmides de pedras.

[morin, la nature de la nature]

Miguel Leal, *Alucinação (1 e 2)*, 2022.

Projecção de diapositivos sobre pedras e cavaletes em ferro (detalhe).
Mosteiro de Arouca, para a exposição *Pedras*, Dez. 2022 – Jan. 2023.



PREÂMBULO

Porventura o tempo, ou a imaginação, o desenho e a escrita, talvez o mistério da origem. Ou a origem do mistério.

Fernando Pessoa, sentado n'a brasileira, assombrando, entrelaçando fantasmagorias do Quinto Império, falando uma língua que emerge em ocultações e sobreposições.

Metamorfoses, metáforas, metafísicas. Estamos em transformação, em processo metamórfico, em mudança de natureza. Mudar a língua, ou morder a língua, hesitamos.

Porfiamos pólen, projectamos o nosso pensamento um pouco por todo o lado.

A geologia estrutural. A insaciável curiosidade dos homens e das mulheres para além ou apesar do limiar da existência.
(a esperança de vida)

Citações como emblemas; líticos erguidos como figuras sobre fundo forrado a papel de parede profusamente decorado com motivos vegetais de proveniência diversa.



DECLAMAÇÃO

“Menires, antas, cromeleques, montes de pedras, pirâmides, lápides, caixas para os mortos imitando minha mãe, a Terra, objectos mudos, estátuas levantadas, ou fantasmas de pé, ressuscitados da caixa preta quando cai a persiana que pensávamos ter fechado para sempre, troncos de coluna sem capitel, efígies de mármore, granito ou gesso, bronze, aço, alumínio, materiais compósitos, cheias, densas, pesadas, imóveis, massas marcando lugares e indiferentes ao tempo, perfuradas, furadas, ocas, tornam-se caixas novamente, vazias, leves, brancas, móveis, motores de automóveis indiferentes a lugares vagando no tempo, carregando os vivos.

Na linhagem lenta e muda dessas coisas, dos objectos mortos e subitamente soltos, dois curtos-circuitos, pelo menos, passam sob a linguagem: como o morto se torna objecto, para além do estado indizível? Como a estátua funerária, equipada com a sua múmia, sobe ao céu em direcção ao nosso satélite, como mostra a imagem?

Pedras como figuras, menires, numa paisagem pré-histórica. Homens mortos, levantem-se! À medida que apareciam, as estelas de flocos de neve formavam salas, pátios, cercamentos, bacias, passagens, um mapa inteiro nascendo na planície branca, com as estelas indicando a escala ou a marca da maré baixa ao longo de seus esqueletos estatuários que emergiam do nível descendente: mil jardins alterados por degraus.

[*serres, statues*]

Suponho, na infinidade dos mundos, um mundo onde ocorreu um primeiro milagre, a vida; neste mundo, entre as muitas espécies que repetem a cada geração um destino imutável, uma raça industriosa, ansiosa por modificar o seu futuro. Finjo que deu certo, que tem máquinas, energias domesticadas, escolas, bibliotecas, laboratórios, fábricas. Imagino, aliás, que os seus sábios tenham estudado pacientemente o habitat comum, que tenham catalogado os metais e as rochas, inventariado as menores irregularidades do terreno e, entre as curiosidades do relevo, distinguido, definido, explicado as “demoiselles coiffées de Thésus”, as chaminés das fadas e muitas formas estranhas que os caprichos da erosão vão esculpindo no solo solto.* Finalmente, suponho que esses seres, que há muito esqueceram os seus primórdios, um dia, no curso de sua longa história, se encontram pensando em outras pedras, isoladas ou dispostas ora em círculos, ora em fileiras intermináveis, e que descobrem que nem sempre estiveram de pé nem alinhados.

Pergunto a mim mesmo que lição eles devem aprender com isso. Essas pedras são enormes e pesadas. Além disso, elas estão distribuídas de forma desigual, mas amplamente espalhadas pela superfície do globo. Assim, nem o acaso nem a fantasia, mas o irresistível de uma necessidade suficientemente banal e poderosa para se impor em todas as circunstâncias, por mais propícias que sejam. Todas as faces, excepto uma, desses pilares toscos são polidas pelo vento ou pelo escoamento da água, pela suavidade do desgaste. Mas o último lado tem

uma pausa que permaneceu fresca apesar da idade. O mau tempo não teve tempo de acariciar e convencer esta superfície brutal, que não é, como as outras, totalmente elusiva. Além disso, esses blocos repousam, no fundo de uma cavidade, sobre um leito de seixos compactados e cunhados. Eles não têm nenhuma inscrição. Sem mensagens nem vindimas, absolutamente silenciosas, são apenas pedras comuns; é verdade, arrancadas de seu abrigo, transportadas, erguidas.

*“No sul de França, no departamento de Hautes-Alpes, perto da aldeia de Théus, existe um sítio geológico espantoso chamado “Les Demoiselles coiffées de Théus”. Estas “jovens senhoras com penteados extravagantes ou cabeleiras” são formações geológicas resultantes da erosão de camadas sedimentares de origem fluvio-glacial. Elas também são chamadas de “chaminés de fada”. Existem muitos exemplos de formação de hoodoos ao redor do mundo, mas nem todos têm a mesma origem e não foram formados da mesma forma. Em Théus, as Capped Demoiselles têm origem fluvioglacial, ao contrário de outros locais no mundo que têm origem vulcânica (como as chaminés de fada da Capadócia, na Turquia).”

[*caillois, pierres*]

“No mundo da revolução copernicana, onde tudo deveria poder ser colocado entre os dois pontos da natureza e da sociedade, a história no fundo não valia nada. Tudo o que se fazia era descobrir a natureza ou desdobrar a sociedade ou aplicar uma sobre a outra. Os fenómenos nada mais eram do que o encontro de elementos que sempre estavam presentes anteriormente.”

Havia uma história contingente, mas apenas para os humanos, desvinculada da necessidade das coisas naturais. A partir do momento em que partimos do meio, em que invertemos as setas da explicação, que tomamos a essência acumulada nas duas extremidades para redistribuí-la pelo conjunto dos intermediários, que elevamos estes últimos à dignidade de mediadores de facto, então a história torna-se realmente possível. (...) Todos saem mudados. Todas as essências se tornam acontecimentos, a elasticidade do ar da mesma forma que a morte de Querubim. A história não é mais simplesmente a história dos homens, mas também a das coisas naturais.

[serres, éléments d'histoire des sciences]

Possuimos centenas de mitos contando como o sujeito (ou o colectivo, ou a intersubjectividade, ou as epistemes) construiu o objecto – a revolução copernicana de Kant sendo apenas um exemplo de uma longa linhagem. Não temos, entretanto, nada para nos contar o outro aspecto da história: como o objecto faz o sujeito (...). Os testemunhos sobre esta segunda metade da história não são constituídos de textos ou linguagens, mas de restos silenciosos e brutais assim como bombas, pedras e estátuas.

“O povo de Israel entoa salmos em frente ao muro desmantelado das lamentações: do templo não sobrou pedra sobre pedra. O que viu, o que fez, o que pensou o sábio Tales perante as pirâmides do Egipto, numa época tão antiga para nós quanto o nome de Quéops era arcaico para ele, por que é que ele inventou a geometria em frente a este amontoado de pedras? O Islão inteiro sonha viajar para Meca onde está conservada, na Caaba, negra, a pedra. A ciência moderna nasce, na Renascença, a partir da queda dos corpos: caem as pedras. Por que é que Jesus fundou a igreja cristã sobre um homem cujo nome era Pedro? Misturo à vontade religiões e conhecimentos nestes exemplos de instauração”.

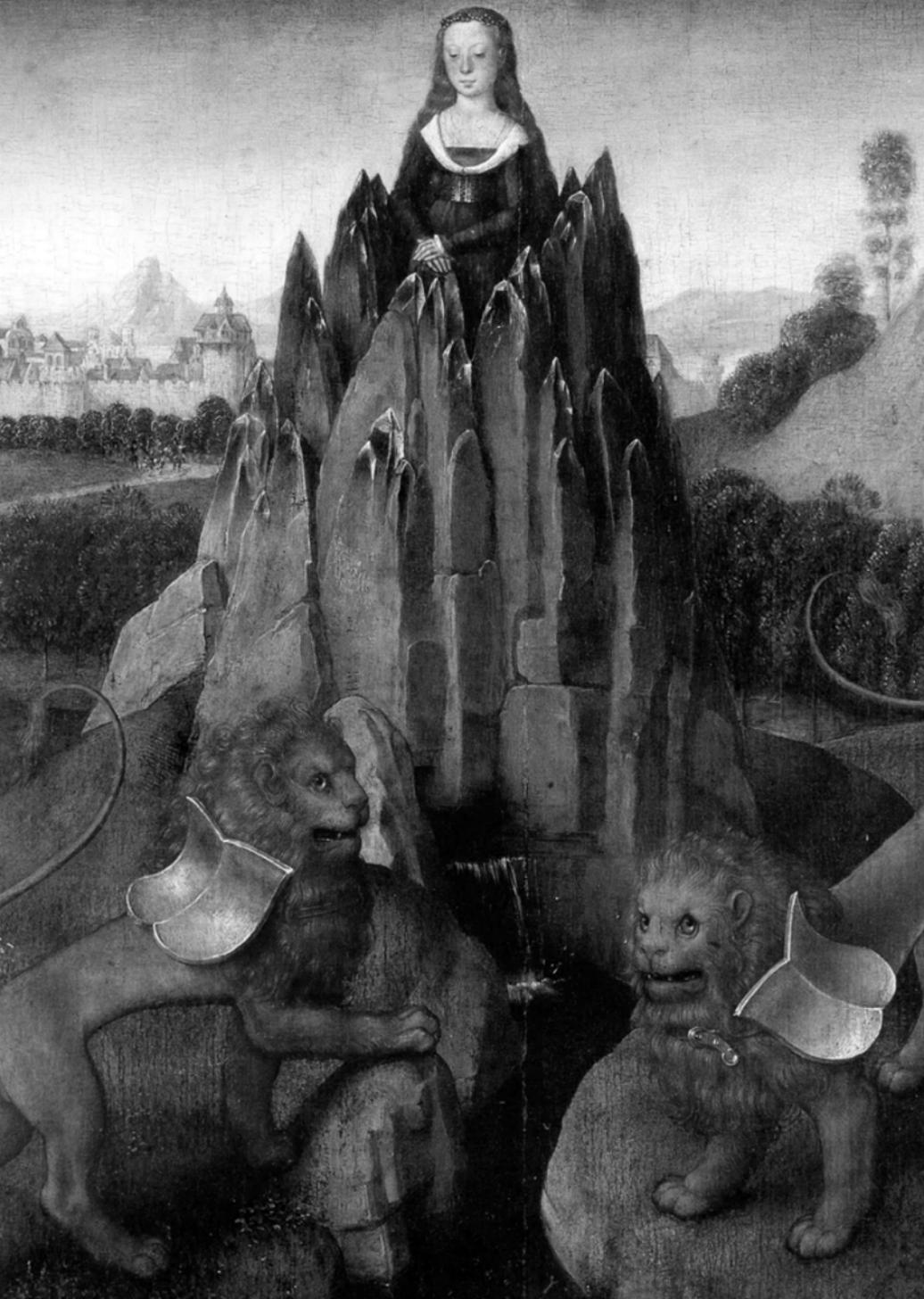
[latour, nous n'avons jamais été modernes]

ORAÇÃO

É o texto escrito que fornece este novo locus. Porque ler é entrar em profunda participação, ou quiasma, com as marcas de tinta na página. Ao aprender a ler, devemos quebrar a participação espontânea dos nossos olhos e ouvidos no terreno circundante (onde eles convergiram incessantemente no encontro sinestésico com animais, plantas e riachos) para reagrupar esses sentidos na superfície plana da página. Assim como um ancião Zuni foca os seus olhos num cacto e ouve o cacto começar a falar, nós focamos os nossos olhos nestas marcas impressas e imediatamente ouvimos vozes. Ouvimos palavras faladas, testemunhamos cenas ou visões estranhas e até experimentamos outras vidas. Assim como animais não humanos, plantas e até mesmo rios “inanimados” falaram com nossos ancestrais tribais, as letras “inertes” na página agora falam connosco! Esta é uma forma de animismo que tomamos como certa, mas ainda assim é animismo – tão misterioso quanto uma pedra falante.

[*abram, the spell of the sensuous*]

Hans Memling, *Alegoria Da Castidade*, 1475. Óleo Sobre Madeira,
38,3x31,9cm. Musée Jacquemart-André, Paris



APOCALIPSE

Vós, Senhor meu, fazei do meu corpo o que vos aprouver; haveis-nos abandonado, segundo o que está predefinido pelo céu e pelo inferno. E sobre nós, nos dias que passam, se abateu a vossa indignação, a vossa zanga, e de tal modo que muitas e grandes foram as aflições, vindas da vossa ira, e sobre nós recaíram, semelhantes a pedras, a lanças, a setas lançadas contra nós, homens tristes, a viver neste mundo, e uma grande epidemia aconteceu, que nos consome e destrói, ó Senhor poderoso e omnipotente!

*[a oração dos homens, em tempo de pestilência
a tezcatlipoca, méxico]*

Agradecimentos

A Rita Castro Neves e Daniel Moreira (Escola de Macieira), Maria do Céu Almeida (Museu das Trilobites), João Duarte e restante equipa do Mosteiro de Arouca, Alexandra Paz (Arouca Geopark), Ardósias Valério & Figueiredo, Margarida Dias, Ana Rita Fonseca, Joana Lourencinho Carneiro, Carla Cruz, Cláudia Lopes, Susana Soares Pinto, Nuno Faria, Vicente Mateus, Anna Kottmeier e muitas outras pessoas que participaram neste projecto ou que ajudaram à sua concretização.



i2ADS.



Cofinanciado por:



Pedras Figuras
de Miguel Leal

Textos de
Miguel Leal e Nuno Faria

i2ADS edições
i2ADS – Instituto de Investigação
em Artes, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
i2ads.up.pt

Design Editorial de
Joana Lourencinho Carneiro

Impresso por Orgal impressores

Tiragem de 150 exemplares

ISBN 978-989-9049-37-6

Depósito Legal 509167/22

Dezembro, 2022

Esta publicação foi desenvolvida no âmbito do projecto
“Soil health surrounding former mining areas: characterization,
risk analysis, and intervention” (NORTE-01-0145-FEDER-000056),
cofinanciado pelo Programa Operacional Regional do Norte
(NORTE 2020), através do Portugal 2020 e do Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional (FEDER).